

NOSSA SENHORA DO CAFÉ

"O Estado de São Paulo", tradicional órgão da imprensa paulista, publicou, em sua edição de 9-3-58, o artigo abaixo de autoria do ilustre escritor e filósofo Dr. Mauricio Theophilo B. Ottoni. Grande foi o interesse despertado pelo mesmo entre os nossos cafeicultores. Para que chegue ao conhecimento dos nossos leitores que por acaso não tiveram ocasião de lê-lo, principalmente dos cafeicultores, tão necessitados, no momento, do auxílio da "Madona do Café", transcrevem-lo, "data vénia", do importante matutino, pioneiro na divulgação das coisas do nosso folclore.



«MADONA DO CAFÉ»

A devoção cristã mais próxima ao coração do povo e a da Mãe de Jesus, Talvés, mesmo pela sua condição de mãe operária, Maria faz mais humana e popular a figura do excelso fundador do Cristianismo. Como geralmente acontece, o ser humano compreende, e logo admite, tudo quanto lhe fale diretamente dos seus interesses centrais e afeições de cada dia, no terra-terra da vida simples em suas realidades, às vezes pungentes, às vezes alegres e riso-

nhas. O lar nazareno de Nossa Senhora e de S. José foi numa casita operária paupérrima, onde um carpinteiro e uma infatigável dona de casa, santamente casados, proviam à humilde decência e agasalho da infância de Cristo. Todos os motivos, que nos inspira a vista do casebre minúsculo (do qual conhecemos outros da região, semelhantes), são, em verdade, de ambiente folclórico. Williams, que permaneceu vários anos na Judéia para estudar a infância de Je-

sus, conta-nos de tudo quanto constituía o meio familiar, em que atuava a maior figura feminina da agiologia cristã. E isto, lhe foi possível, porque são indestrutíveis as permanências consuetudinárias do povo de Nazaré, porventura devidas à insulação e pobreza dessa velha e tradicional região. Em redor de Cristo, não se ostentava o luxo, o conforto material, nem se servia ele da erudição e do estilo soberbo dos ricos e dos mestres hebreus: era o povo, na